2013. Monografia (Licenciatura plena em Pedagogia) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2013.

GIL, A. C. Métodos e técnicas de pesquisa social. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GONZAGA, Leila Teixeira. Processo de aprendizagem na educação infantil uma interação entre espaço formal e não formal. 2011. Dissertação (Pós-Graduação em Educação e Ensino de Ciências na Amazônia) - Universidade do Estado do Amazonas (UEA), Manaus, 2011.

KISHIMOTO, Tisuko Morchida. Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

MARCHELLI, Paulo Sergio; DIAS, Carmen Lúcia; Schimidt. Autonomia e mudança na escola: novos rumos dos processos de ensino- aprendizagem do Brasil. Revista Psicopedagogia, São Paulo, v.25, n.78, p.271-81, 2008.

MIRANDA, Daiana Barth; SANTOS, Patrícia Gonçalves dos; RODRIGUES, Samira de Souza. A importância dos jogos e brincadeiras para educação infantil. 2014. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em Pedagogia) - Faculdade Multivix-Serra Pedagogia, Serra, 2014.

SANTOS, Adriano Alves; PEREIRA, Otaviano José. A importância dos jogos e brincadeiras lúdicas na educação infantil. Revista Eletrônica Pesquiseduca, Santos, v. 11, n. 25, p. 480-493, 2019.

SARNOSKI, Eliamara Aparecida. Afetividade no processo ensino- aprendizagem. Revista de Educação do Ideau, [s. l.], v. 9, n. 20, p. 1-12, 2014.

SILVA, Eliane Andrade da. Ludicidade e aprendizagem: a importância do brincar na educação infantil. 2014. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura plena em Pedagogia) - Universidade Federal da Paraíba, Itaporanga-PB, 2014.

SILVA, Francisco Sousa da; SILVA, Cristina Sousa da; ALENCAR, Deusilene da Silva; AMORIM, Maika Rodrigues. As contribuições dos jogos e brincadeiras no processo de ensino-aprendizagem. Brazilian Journal of Development, [s. l.], v. 5, n. 4, p. 3820-3833, 2019.

OLIVEIRA, Elizabete de Almeida de. A importância do lúdico no processo de ensino-aprendizagem na educação infantil. 2014. Monografia (Especialista em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2014.

PIAGET, Jean. Aprendizagem e conhecimento. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1974.

TEIXEIRA, Cheila Cristina dos Santos. A importância da brincadeira no desenvolvimento cognitivo infantil. Rev.Psic, [s. l.], v. 10, n. 33, p. 94-102, 2017.

A IMPORTÂNCIA DO ESPAÇO FÍSICO NAS BRINCADEIRAS JOGOS E CANTIGAS DE RODA

RENATA ALVES BEZERRA

Resumo:

A pesquisa apresenta um estudo sobre a organização do espaço físico nas escolas, analisa ainda em que medida este proporciona o desenvolvimento do processo ensino aprendizagem e a construção

da autonomia e identidade dos alunos. O primeiro passo deste estudo foi realizar um levantamento bibliográfico do tema em questão, onde os autores pesquisados apontam para a importância da organização espacial nas escolas de educação infantil, uma vez que todo espaço físico é um território cultural a ser ocupado, organizado, construído, marcado por experiências, sentimentos e ações. Portanto fez-se necessário a organização dos espaços na Educação Infantil visto que afetam tudo o que a criança faz, interferindo na percepção que a criança tem da realidade, modificando suas atividades e a maneira como utilizam os materiais, influenciando sua capacidade de escolha, favorecendo e transformando as interações com outras crianças e com os professores, contribuindo para autonomia e identidade.

1 INTRODUÇÃO

A pesquisa aborda a importância da organização espacial das escolas de Educação Infantil, sintetizando esta temática como elemento curricular propiciador do desenvolvimento no processo de ensino e aprendizagem, principalmente no que se refere à construção da autonomia, independência e identidade da criança.

Como objetivo deve-se verificar a importância da organização do espaço físico das escolas para crianças na etapa da educação infantil, buscando de maneira específica definir o conceito de espaço físico na sala de aula e delinear um estudo frente maneiras adequadas para organizar a sala de aula considerando as necessidades específicas desta faixa-etária.

Fazendo nossas as palavras de Assis (2002) a temática estruturação espacial da sala de aula será abordada considerando a importância de ser um espaço seguro, favorecedor da mobilidade e iniciativa das crianças, promovendo a realização das atividades tanto de forma coletiva, quanto individual, possibilitando explorações e descobertas.

Todo projeto pedagógico possui metas e objetivos a serem alcançados, para viabilizar este caminho são necessárias algumas condições básicas, entre elas destaca-se a organização do espaço da sala de aula, considerando-a como fundamental para a concretização do projeto educativo e da concepção de educação que se pretende desenvolver (ASSIS 2002).

Apresentam-se algumas questões básicas julgadas necessárias ao desenvolver este tema, as quais serão dissertadas no decorrer deste estudo, sendo organizadas por meio da definição e conceitualização espacial, apontando suas dimensões físicas e funcionais, ver-se-á que sem esta compreensão será difícil potencializar o trabalho na Educação Infantil, dando o valor e a atenção merecida que o planejamento da estruturação espacial na escola, principalmente da sala de aula, precisam e necessitam.

Abordará ainda o espaço escolar enquanto ambiente de aprendizagem e como elemento curricular, fazendo relações sobre a influência que o mesmo exerce no desenvolvimento da criança. O espaço será destacado não como um mero componente, e sim um elemento que conforme estiver organizado ditará as crianças um tipo de iniciativa, exploração, descoberta e aprendizagem.

Acredita-se que a estruturação espacial adequada para sala de aula de Educação Infantil, além de beneficiar as crianças, favorecem seu desenvolvimento. O estudo em suma, visa possibilitar aos leitores uma noção sobre o tipo de estruturação espacial adequada para as salas de aula de educação infantil.

DEFINIÇÃO CONCEITUAL SOBRE ESPAÇO

Conforme Forneiro (2001), o termo espaço tem diversas concepções. Da sua definição e sentido ocuparam-se, e ainda se ocupam profissionais de diversas áreas: filósofos, sociólogos, arquitetos, pedagogos, etc. De maneira geral o tema espaço é conceituado como uma extensão indefinida, meio sem limites que contém todas as extensões finitas, parte dessa extensão que ocupa cada corpo.

Essa definição dá-nos a ideia do espaço como algo físico, ligado aos objetos que são os elementos que ocupam o espalho. Segundo o professor Eurico Battini citado por Zabalza (2001, p. 231), da faculdade de Arquitetura da Universidade de Turim, estamos acostumados a considerar o espaço como um volume, uma caixa que poderíamos até encher. No entanto o professor, diz que é necessário entender o espaço como um espaço de vida, no qual a vida acontece e se desenvolve: é um conjunto completo.

Essa concepção do espaço como caixa é uma abstração dos adultos. No entanto, para as crianças pequenas o espaço é aquilo que nós chamamos de espaço equipado, ou seja, espaço com tudo que efetivamente o compõe: móveis, objetos, odores, cores, coisas duras e molas, coisas curtas e longas, coisas frias e quentes, etc. O espaço é antes de qualquer coisa luz: a luz que nos permite tanto a nós como à criança vê-lo, conhecê-lo e, portanto, ao mesmo tempo, compreende-lo, recordá-lo, talvez para sempre. (FORMOZINHO, apud ZABALZA, 2001).

Battini apresenta uma visão vitalista do espaço, a qual se adapta à forma que as crianças têm de abordar o mesmo. Para a criança, o espaço é o que sente o que vê o que faz nele. Portanto, o espaço é sombra e escuridão, é grande, enorme ou, pelo contrário, pequeno; é poder correr ou ter que ficar quieto, é esse lugar onde ela pode ir para olhar, ler e pensar (FORNEIRO, apud ZABALZA, 2001, p. 231).

O espaço é em cima, embaixo, é tocar ou não chegar a tocar; é barulho forte, forte demais ou, pelo contrário, silêncio, são tantas cores, todas juntas o mesmo tempo ou uma única cor grande ou nenhuma cor. O espaço, então, começa quando abrimos os olhos pela manhã em cada despertar do sono; desde quando, com a luz, retornamos ao espaço (ZABALZA, 2001, p. 231.).

Viver em sociedade remete à necessidade de uma organização ou adaptação frente ao espaço físico e social em que o indivíduo está inserido, sendo que através do estabelecimento de relações o ser humano potencializa suas capacidades de generalizar e abstrair, formando categorias e representações mentais diante de suas observações e vivências. Assim, realizando inúmeras experimentações espaciais vai comparando, classificando, agrupando, chegando a partir desta experimentação espacial, juntamente com um trabalho mental, a elaboração de conceitos.

Galvão (2008) analisa o espaço como um conceito que se desenvolve principalmente no cérebro, pois construímos nosso mundo espacial por meio da interpretações destas informações sensoriais, são construídos também, conceitos espaciais frente ao ambiente que se está interagindo.

1.1 ESTRUTURAÇÕES ESPACIAIS

Em seus estudos Oliveira (2007) destaca a importância da estruturação espacial para viver em sociedade, visto que, através do espaço o indivíduo se situa no meio em que vive, estabelece relações, interage com o ambiente físico e social.

Dessa maneira, a sociedade também é organizada a partir de um determinado espaço físico, social e histórico, habilitado por pessoas que nela convivem e se relacionam, fazendo observações, comparações, combinações, se adaptando, vendo as semelhanças e diferenças nas diversas situações que vivencia.

De acordo com o Conselho Nacional dos Direitos da Mulher (1988), o espaço das cidades e do campo está voltado para um tipo de trabalho baseado na eficiência e na produtividade, exercendo assim, forte influência sob convívio social, não permitindo que as pessoas tenham tempo para se apropriar e interagir no espaço que habilitam; dificultando a estruturação da personalidade e do vínculo diante que realiza e vivencia.

O espaço social pode favorecer ou não as pessoas. Dependendo da forma como é estruturado pode tanto manipular os indivíduos, tornando-os meros produtores competitivos e individualistas, ou por outro lado, também pode tornar-se um espaço que favoreça a experimentação, interação e transformação, permitindo apropriação e construção de representações mentais a partir da relação feita com meio físico e social.

É Oliveira (2007) que afirma que as relações espaciais são mantidas por meio do desenvolvimento de uma "estrutura" de espaço, sem a qual o indivíduo se perde e sofre por não receber as informações adequadas para se situar no tempo e no espaço real.

A estruturação espacial então é uma elaboração e construção mental operada pelo indivíduo a partir de sua relação com o próprio corpo e com os objetivos dispostos em seu meio.

De Meur e Staes (1984 apud Oliveira, 2007, p. 75) definem a estruturação espacial como "tomada de consciência da situação das coisas entre si. A possibilidade, para o sujeito, de organizar-se perante o mundo que o cerca, de organizar as coisas entre si, de coloca-las em um lugar, de movimentá-las".

A estruturação espacial não nasce com o indivíduo, ao contrário, vai sendo construída mentalmente de acordo com as possibilidades de movimentos, exploração e interação que vão sendo realizadas no seu meio. Em primeiro lugar, a criança vai percebendo a posição do seu corpo no espaço, depois a posição dos objetos em relação a si mesma, e por fim, aprende a perceber as relações das posições dos objetivos entre si (OLIVEIRA, 2007).

A primeira referência espacial da criança se dá por meio do corpo, vai conseguindo se organizar quando possui um

domínio do seu corpo no espaço, se situando no mundo a partir de si mesmo; através do movimento corporal, explorando motoramente os objetos. Momento este fundamental para que a criança vá vivenciando o domínio das noções de orientação, até que atinja a etapa de orientação espacial, significante que tem acesso a um "espaço orientado a partir de seu próprio corpo multiplicando suas possibilidades de ações eficazes" (LE BOUCH, 2001,p.

Passini (1998) realizou suas pesquisas sobre a estruturação das noções de espaço nas crianças baseando-se em estudos de Piaget, e coloca que para a criança a primeira idéia do "eu estou aqui e as outras coisas não estão". Passar a reconhecer-se como parte de um espaço mais amplo é um salto qualitativo, a partir daí perceber diferentes concepções e representações desse mesmo espaço é um caminho ainda muito maior.

Em seus estudos, Oliveira (2007), ressalta que a organização espacial para a criança, ocorre a partir do domínio que esta possui do seu corpo no espaço. Isto

implica numa aprendizagem onde a criança possa se movimentas e explorar o espaço de maneira independente, sendo a partir de si mesma que irá se situar em relação ao espaço que a circunda.

Outra conquista que auxilia a organização da estruturação espacial é a aquisição de linguagem, uma vez que, todo objeto, desde o momento que é nomeado cumpre um papel organizador do espaço que o rodeia.

Para Lê Boulch (2001) a primeira orientação da criança é em relação a oposição dos objetos familiares, descobertos através da experiência vivida corporalmente.

A experimentação é vista aqui, enquanto experiência a partir da ação sem o qual o indivíduo não consegue se apropriar, se adaptar ou transformar o espaço pela interação. Como o bebê precisa do outro para garantir sua sobrevivência, está nas mãos deste favorecer ou não um ambiente propiciador do estímulo, descobertas e aprendizagens.

Por que não é mais comum ver-se bebês recém-nascidos embrulhados em vários anos, como que se o movimento pudesse ser prejudical a eles? Na verdade a sociedade não é estática, vem sofrendo transformações em diversos aspectos, isto é, trazendo também uma mudança na maneira de ver e interagir com as crianças, as pessoas já não são educadas como ocorria em épocas passadas, até porque já não vivem como nos séculos passados, outros valores são impostos ou construídos, exige-se outros pressupostos que encaminham para a formação de um ou outro cidadão.

Construir uma orientação espacial permite ao indivíduo uma consciência dos objetos que se situam no espaço, tanto os que estão ao lado dele, a sua frente ou atrás do mesmo. Apesar de não poder vê-los simultaneamente, sabe-se que existem numa estrutura espacial, mantendo uma relação viva com todos eles, mesmo cujo foco, em determinado momento, seja nos objetos que se posicionam a sua frente, sabe que aqueles que estão localizados atrás de si não deixaram a existir. Esta consciência corporal e espacial nem sempre foi assim, faz parte uma construção, uma exploração e experiência do indivíduo neste espaço.

É Smole (2000) quem afirma que a

criança vive inserida num contexto social que se encarrega de emitir a ela muitas informações, que em sua maioria, são geradas e percebidas pela criança, enquanto explora o espaço ao seu redor, sendo que para um sujeito imóvel não há espaço.

Oliveira (2007) esclarece que após a fase o indivíduo aprende a orientar os objetos, passando a organizá-los, combinando as diferentes orientações, começa a ter outros pontos de referência que vão além do seu próprio corpo, chegando a noções de distância, direção, podendo prever, antecipar as situações, etc.

Passa a desenvolver também a memória espacial, possibilitando dar contados objetos que estão faltando, podendo realizar um desenho de uma situação ou de uma imagem observada, chegando à compreensão das relações espaciais existentes entre diversos elementos.

O conhecimento do seu próprio corpo e a capacidade de ler o espaço que se encontra, são elementos essenciais para todo indivíduo consistir uma competência útil enquanto ferramenta para inúmeras finalidades em sua vida, principalmente no que se refere ao seu pensamento tanto para compreender informações como para resolver problemas.

Galvão (2008) em seus estudo ressalta que impedir uma criança de se movimentar é o mesmo de impedi-lá de se conhecer, e consequentemente de pensar. Todo esse caminho do processo de desenvolver da estruturação espacial até a orientação e organização espacial, mostra o quanto é fundamental que a criança tenha condições de questionar seu meio, experienciar as situações com seu corpo, realizando um trabalho mental que lhe permitirá organizar e representar seu espaço.

Ao chegar à escola a criança, já trás muitas noções com relação ao espaço, visto que percorreu grande parte do que foi visto até aqui, ou seja, vivenciou inúmeras experiências no mundo, em sua maioria de caráter espacial.

Smole (2000) afirma que o desenvolvimento infantil, é em um determinado período da infância, essencialmente espacial, sendo que a criança primeiramente se encontra com o mundo e dele faz explorações e progressivamente vai elaborando suas representações através de imagem, desenhos, conceitos, etc.

Construir esta competência espacial, segundo Gardner (1999) está intimamente relacionado à capacidade do indivíduo em transformar objetos dentro do seu meio e orientar-se no mundo a partir das explorações no espaço. Liga esta competência á maioria de ser, de ler e de estar neste espaço, acreditando que o indivíduo possui capacidade de perceber o mundo visual com precisão, efetuando transformações e modificações quando necessárias.

Dessa forma, a construção da noção de espaço pela criança se dá de maneira progressiva, percorrendo um caminho que se inicia pela percepção dela mesma através de seu corpo, passando pela percepção de si no mundo e consequentemente no espaço ao seu redor, até chegar ao espaço representando mentalmente desenhos, mapas, maquetes, etc; essa construção não é rápida nem ao menos simples, ao contrário percebe o mundo espacial existente além da pele é uma jornada que se entende por muitos anos (MINSKY, 1996).

Dissertar-se-á a seguir sobre a contribuição e a influência na forma como o

espaço é pensado e organizado na escola e como ambiente de aprendizagem, podendo apontar caminhos positivos e ou negativos neste processo de exploração favorecedor a construção da orientação espacial da criança.

1.2. O ESPAÇO ESCOLAR COMO AMBIENTE DE APRENDIZAGEM

Dissertou-se aqui sobre a contribuição a influência na forma como o espaço é pensado e organizado na escola e como ambiente de aprendizagem. Falar dessa relação entre espaço e desenvolvimento infantil não é apenas falar dos lugares onde elas comem, dormem, brincam ou fazem atividades, mas é também falar das sensações vivenciadas corporalmente, é falar das imagens mentais ou representações que foram se formando através de suas experiências no meio físico e social. É também falar das possibilidades de autonomia, exploração e criação que são oferecidas a criança desde seu nascimento.

Galvão (2008) analisa o espaço como um conceito que se desenvolve principalmente no cérebro, pois construímos nosso mundo espacial por meio da interpretação de grande número de dados sensoriais que possuem relação direta com o espaço. Assim, ao mesmo tempo em que são realizadas as interpretações destas informações sensoriais, são construídos também, conceitos espaciais frente ao ambiente que se está interagindo.

Ao nascer, o bebê, não possui estruturação espacial, mas começa daí um longo caminho de descobertas e explorações que irá favorecer tal estruturação.

Com o desenvolvimento do sistema nervoso, a criança vai coordenando e percebendo diversas sensações visuais, táteis, auditivas e de seus próprios movimentos, favorecendo a distinção do seus mundo interno e externo.

Percebendo, aproximadamente, a partir do sexto e nono mês a separação entre seu corpo e o meio ambiente aspectos esses que eram distintos para ela logo após o nascimento.

Com o passar do tempo, dos anos, a criança vai ampliando sua vivência corporal desde a fixação de olhar a um objeto no espaço para tentar agarrá-lo, até quando adquire maior independência com a aquisiçãoda marcha, podendo se locomover até os locais e objetos que quer alcançar.

Conforme Smole (200) se as crianças estão naturalmente envolvidas em tarefas de exploração do espaço, com certeza estarão beneficiando o seu desenvolvimento, visto que enquanto se movimentam e interagem com os objetos nele contidos vãos adquirindo muitas noções que contribuirão enquanto base para sua competência espacial.

Para Basseadas, Huguet e Sole (1999) o espaço busca ser visto aqui como um dos elementos favorecedores da proposta educacional, pois direciona o tipo de intervenção educativa e a relação que se estabelece na escola, não enquanto um único fator determinante, mas sua organização tem grande influência no bem estar dos profissionais e das crianças que ali habitam.

São muitos os elementos que contemplam o quadro de uma proposta educacional, entre eles a rotina, os projetos, integração com a família, o aprimoramento profissional, etc. Sendo que aqui será

focado o espaço físico com um elemento importantíssimo neste processo. Vendo-o como fundamental principalmente por ser local habilitado por pessoas que possuem capacidades para agir, pensar, transformar esta espaço, caso o mesmo seja propiciador de tal interação.

Uma proposta educacional que se propõe a favorecer o desenvolvimento de uma criança autônoma, criativa, segura de si e capaz de ter um bom nível de interação com crianças e adultos, necessita de um ambiente que proporcione condições para que isso aconteça.

Nesta concepção, é muito importante então que o ambiente favoreça a autonomia, permitindo que ela vivencie desafios de acordo com as etapas de seu desenvolvimento, implicando na possibilidade de escolha de atividades e de materiais; circulação nos diversos ambientes internos e externos da escola, independência e acesso quanto ao uso de brinquedos, acender e apagar a luz, abrir e fechar portas, beber água sem necessitar por longa espera do adulto para atende- la no que for necessário.

Uma escola é diferente de outra, desde sua estrutura física: os espaços, as medidas, a pintura, etc. Mas de maneira generalizada muitas possuem semelhanças quando não for adequada ás necessidades das crianças com relação ao desenvolvimento da autonomia, construção da identidade e a necessidade do movimento que essas possuem neste período do desenvolvimento; sendo sempre necessário sofrer adaptações caso as pessoas que ali circulem tenham um olhar e um projeto pedagógico que visem tais necessidades, caso contrário, acabam se adaptando a aquele ambiente tal como ele foi entregue.

Conforme Abramowicz (2004) seria muito importante que todas as construções partissem de uma pesquisa diante do quanto á maneira como o espaço é distribuído e organizado influencia no desenvolvimento e na aprendizagem da criança, principalmente no que se refere ás interações entre criança-criança, criança- adulto, adulto-adulto.

Ressalta ainda a necessidade de um trabalho em conjunto onde engenheiros, arquitetos e pedagogos pudessem pensar e concretizar uma escola com um espaço que não passasse por cima de princípios importantes, os quais viabilizam o direito da criança de se sentir segura, acolhida e independente, podendo se desenvolver em sua plenitude.

Bassedas, Huguet e Sole (1999); afirmam também que as crianças necessitam de espaços abertos e com o mínimo de condições higiênicas e físicas, como iluminação, ventilação, etc, para se sentirem á vontade. Se o espaço for muito pequeno, pouco iluminado e não acolhedor provavelmente vai gerar apatia, agressividade, nervosismo e uma sensação de incômodo nas crianças.

É preciso decorar e organizar o espaço de maneira que fique acolhedor, seguro, amplo e funcional para os deslocamentos. Um espaço acolhedor, harmonioso e funcional, mesmo que não garanta um comportamento adequado, é uma condição básica para consegui-lo.

Entrando numa escola e observando a maneira como está organizada pode-se perceber qual é a proposta pedagógica, como a professora planeja e encaminha as atividades, como concebe a criança no seu

ser, sentir e pensar.

Abramowicz (2004) faz uma analogia em relação a isto comparando exatamente com o que acontece quando olhamos a roupa, como o espaço decorado, dizem muitas coisas, passam sensações, impressões, preocupações e valores que cada uma transmite através da organização do espaço do seu lar, da maneira de se vestir, etc.

Para Oliveira (2007) em qualquer que seja a abordagem de ensino, o espaço será um elemento que mostrará os objetivos pretendidos pela escola, ou seja, o espaço irá mostrar a cara da proposta pedagógica. Numa escola tradicional será possível notar uma organização gerenciada para a passividade das crianças, propiciando uma longa espera da ordem do adulto diante do que pode e do que não pode ser feito, provocando a contenção do movimento e da interação entre elas.

Observando a escola e principalmente as salas de aula é possível captar o clima e o estilo de trabalho do professor e de seus alunos.

Ewards (2002) diz que o visitante de qualquer instituição para crianças pequenas tente a pesar as mensagens que o espaço oferece sobre a qualidade, os cuidados e sobre as escolhas did[áticas que formam a base do programa. As pessoas tendem a perceber o ambiente e a ler suas mensagens ou significados com base em suas próprias ideias.

Refletir sobre essas ideias e pensar sobre os critérios que levam a um determinado tipo de organização tornam possíveis revelar quais as concepções das escolas e dos professores sobre a educação, a criança e o processo de ensino e aprendizagem, etc.

O desafio que é colocado constantemente é o aprimoramento da capacidade de analisar os detalhes e significados implícitos na forma como os envolvidos ocupam o próprio espaço. Isto fará com que gere cada vez mais possibilidades de aprender sobre as relações entre as crianças e os adultos que ali passam parte de suas vidas (FERRAZ e FLORES, 1999).

Pensar no espaço da escola faz lembrar principalmente nas crianças. Mas este espaço também é habilitado por outras pessoas, como os professores, funcionários que trabalham indiretamente com a criança, membros da família que as trazem diariamente, cada um com necessidades específicas diante do que fazem na escola.

É claro que num contexto escolar o mais importante é a criança, mas se as outras pessoas que passam ou estão, não se sentirem bem e acolhidas, com certeza passarão a elas energias positivas ou negativas de seus sentimento.

Assim, diferentes espaços são necessários para a realização das atividades desses profissionais, necessitando de um local para trabalhar em equipe, um lugar para guardar seu material, preparar as refeições, trocar de roupa, para realizar as tarefas administrativas etc. Cada um na sua função interagindo num mesmo espaço e ambiente.

A relação com a família também necessita de um espaço privilegiado, acreditando na necessidade da tríade (escola-criança-família) para o desenvolvimento de um bom trabalho educacional.

É importante dispor de um espaço para conversar com a família e esta com

a professora e a diretora, tanto para dar como para receber informações a respeito da criança, proposta pedagógica da escola, a instituição necessita acolher a família, num espaço onde a mãe possa entrar na escola e compartilhar os momentos vividos pelo seu filho, indo muito além de deixa-los no portão simplesmente, esta é uma maneira de passar segurança a fam´lia sobre o espaço onde a criança esta ficando, e esta em segurança certamente estará sendo transmitida a mesma, propiciando), uma melhor adaptação.

Visando auxiliar aos Conselhos Estaduais e Municipais de Educação na regulamentação da educação infantil, o Ministério da Educação e do Desporto, juntamente com a Secretaria da Educação Fundamental (1998) apresentou um roteiro baseado em subsídios legais e teóricos frente á estrutura básica que contempla normas e concepções no sentido de contribuir para implantação e a organização da educação infantil, realizando considerações diante de questões ligadas ao espaço físico, entre elas.

- O Prédio deverá ser construído ou adaptado em função do bem estar da criança, com adequadas condições de localização, acesso, segurança e salubridade, instalações e espaço externo contemplando áreas para atividades ao ar livre;

- Os espaços deverão ser projetados de acordo com a proposta pedagógica da instituição de educação infantil, a fim de favorecer o desenvolvimento das crianças de zero a seis anos, respeitando suas necessidades e capacidades;

- Os espaços internos deverão atender as diferentes funções da instituição de educação infantil e conter um estrutura básica que contemple:

Espaços para recepção; Salas para professores e para o serviço administrativo pedagógico e de apoio;

Salas para atividades das crianças, com boa ventilação e iluminação e visão para o ambiente externo, com mobiliário e equipamentos adequados;

Refeitório, instalações e equipamentos para o preparo de alimentos adequados;

Instalações sanitárias completas, suficientes e próprias para o uso de crianças e para o uso de adultos;

Berçário se for o caso, promovido de berços individuais, área livre para movimentação das crianças locais para amamentação e para higienização, com balcão e pia, e espaço para o banho de sol das crianças.

Área coberta para atividades externa compatível com a capacidade de atendimento, por turno, da instituição.

Recomenda-se que a área mínima para as salas de atividades das crianças seja de 1,50 m² por criança atendida;

As áreas ao ar livre deverão possibilitar as atividades de expressões físicas, artísticas e de lazer, contemplando também áreas verdes.

Não é possível falar de espaço no âmbito escolar sem ressaltar os elementos que condicionam a organização deste espaço.

Forneiro (2001) aborda os aspectos que condicionam a forma como os professores organizam os espaços de suas salas de aula, podendo tanto limitar como lhes abrir possibilidades de tomar decisões,

ressalta que esses elementos podem estar presentes de forma consciente ou não para os profissionais, sendo que se conhecerem a natureza desses elementos poderá encontrar melhor autuação para neutralizá-los ou para aproveitá-los.

Conforme Forneiro (2001) existe dois tipos de elementos que podem condicionar as ações num espalho escolar, um focado no macro contexto sendo o ambiente e escola e outro num micro contexto sala de aula e espaços anexos.

Primeiramente faz-se necessário destacar o ambiente, o qual possui dois aspectos que podem provocar condicionamento das ações e interações as condições climáticas e os recursos do ambiente.

O clima pode ser um condicionante na organização do espaço, uma vez que é preciso contar com ambientes abertos para permitir a movimentação das crianças cobertos por período de chuva, áreas bem ventiladas para o período do verão.

Os recursos do ambiente podem fornecer espaços naturais ou construídos, podendo ser usados como espaços alternativos para a realização de certas atividades, transcendendo as quatro paredes da sala de aula, podendo utilizar mesas dispostas no parque para realizar um desenho; ou então; realizar uma pintura com as folhas anexadas ás paredes externas da sala de aula, ou até mesmo ir até o campo de futebol próximo a escola, a biblioteca do bairro.

O ambiente pode favorecer também recursos materiais naturais ou artificiais muito úteis para serem aproveitadas nas atividades, tais como pedrinhas, plantas, gravetos, pinhas, ou até mesmo materiais fornecidos por alguma fábrica próxima da escola, uma oficina de costura que forneça tecidos para montarem cabanas, ou utilizar os retalhos nas aulas de antes.

Forneiro (2001) distingue espaço e ambiente no momento em que faz referência aos espaços das salas de aula, apesar de considerar que estão intimamente relacionados, diz que:

O termo espaço refere-se ao espaço físico, ou seja, aos locais para a atividade, caracterizando pelos objetos, pelos materiais didáticos, pelo mobiliário, pela decoração. Já o termo ambiente refere- se ao conjunto do espaço físico e as relações que se estabelecem no mesmo como os afetos, as relações interpessoais entre as crianças, crianças e adultos, crianças e sociedade (FORNEIRO, 2001, p. 232).

David e Weinstein (1987 apud CARVALHO e RUBIANO, 2001) afirmam que recentemente tem havido um reconhecimento crescente da importância de componentes do ambiente sobre o desenvolvimento da criança, complementam que entretanto as características físicas de um ambiente apenas são consideradas no momento do seu planejamento com recomendações gerais de que este ambiente necessita ser estimulador.

A escola em si também possui outros aspectos condicionantes, novamente quique diz respeito ás ações e interações. Primeiramente em suas condições arquitetônicas, onde três aspectos são relevantes: o tempo que a construção existe, a concepção pedagógica da escola e a localização da sala de aula.

Escolas construídas há muito tempo, geralmente não são adequadas ás faixas etárias da educação infantil, seguem padrões arquitetônicos das escolas para

crianças maiores, faltando pia, instalações de higiene localizadas longe da sala de aula, pouca iluminação, pequenas dimensões, elementos esses que por serem de origem estrutural tornam difícil a transformação, necessitando sempre de reformas e adaptações que nem sempre ficam adequadas.

A concepção da escola, como já foi colocada anteriormente, é considerada nos estudos de Zabalza (2001) como uma variável muito importante, pois a forma como a construção foi realizada mostra os caminhos pedagógicos que se pretende seguir com ela.

O autor cita alguns tipos de construções, entre elas: organizações lineares com salas dispostas de um lado ou dos dois: organizações nucleares que distribuem as salas a partir de um espaço comum e agrupamentos mistos que procuram combinar os modelos anteriores.

Acrescenta ainda Zabalza (2001) modelos de agrupamentos de tipo modular, nos quais a escola é constituída por diferentes edifícios; para ele a educação infantil necessita também de espaços abertos e amplos que possibilitem o encontro das crianças de diferentes faixas etárias para que ocorra maior interação nos diversos momentos da rotina.

Os espaços externos, mais nomeados como parque ou pátio, também precisam ser pensados considerando as necessidades específicas das crianças da educação infantil.

Há um enorme diversidade no que se refere não somente as dimensões, mas também as condições dos mesmo e dos equipamentos que nele se dispõem; muitos partem da ideia de que nesta etapa da educação o brincar não se apresenta como tão necessário ou com o devido respeito, indo contra alguns direitos colocados pelo Ministério da Educação e do Desporto (1998) quanto aos critérios para um atendimento que respeite os direitos fundamentais das crianças:

- Direito á brincadeira;
- Direito á atenção individual;
- Direito a um ambiente aconchegante, seguro e estimulante;
- Direito ao contato com a natureza;
- Direito á higiene e a saúde;
- Direito a uma alimentação sadia;
- Direito a desenvolver sua curiosidade, imaginação e capacidade de expressão;
- Direito ao movimento em espaços amplos;
- Direito a expressar seus sentimentos;
- Direito a uma especial atenção durante seu período de adaptação;
- Direito a desenvolver suas identidades culturais, raciais e religiosas.

Entre esses direitos, alguns deles mostram o que precisa ser considerado no momento em que o espaço externo é organizado e estruturado, principalmente com relação a seus componentes como: árvores, terra, areia, grama, água, cabanas, escorregador, estruturas para subir, balanças etc., os quais influenciam no planejamento da professora e consequentemente nas ações das crianças.

Forneiro (2001) destaca também entre os elementos contextuais e os modelos pedagógicos, os quais são indicadores da ideia que se tem de criança, de ensino e aprendizagem.

Aqui os responsáveis pela organização espacial, além dos engenheiros e arquitetos, é vista também como sendo da administração educativa e do professor, os quais necessitam dar sugestões de como deve ser a construção, tomando decisões que afetarão qualitativamente a organização do espaço e as ações das crianças.

É importante ressaltar, que espaço por espaço, não basta, visto que pode ter uma construção e materiais maravilhosos, visando á autonomia, socialização e identidade das crianças, mais isto passa a não valer nada caso as pessoas que ali estão com as mesmas proíbam de conversar, interagir, explorar os conceitos, não tendo uma concepção de criança, ensino e aprendizagem que aproveite tudo isto de forma qualitativa.

Neste universo escolar a sala de aula também se caracteriza como um elemento contextual, tendo três aspectos condicionantes: os elementos estruturais, os materiais e o mobiliário, os quais necessitam ser pensado por todos aqueles que planejam o trabalho com crianças na educação infantil.

3. CONCLUSÃO

A pesquisa mostra-nos a importância da estruturação espacial para o indivíduo, apresentando o caminho que esta percorre no decorrer do seu desenvolvimento. Os autores pesquisados apontam para a importância da organização espacial nas escolas, frisando as brincadeiras.

A ludicidade é fundamental para o desenvolvimento da criança na fase pré-escolar. Conhecendo suas características e necessidades podem-se por meio de atividades psicomotoras, buscarem um desenvolvimento global da criança ajudando- a a se tornar mais responsável, crítica, consciente e criativa.

O movimento constitui uma necessidade primordial, é por meio do movimento que a criança explora o mundo que a rodeia, se expressa e se comunica, possibilitando o seu desenvolvimento como um todo.

Para Abramowicz e Wayskop (2004) uma vez que todo espaço físico é um território cultural a ser: ocupado, organizado, construído, marcado por experiências, sentimentos e ações, sendo que afeta tudo o que a criança faz; interfere na percepção que a criança tem da realidade; modifica suas atividades e a maneira como utilizam os materiais; influencia sua capacidade de escolha; favorece e transforma as interações com outras crianças e com os professores.

Os dados bibliográficos mostram o quanto á organização do espaço físico é determinante no desenvolvimento e aprendizado da criança, mostrando que essa preocupação é recente no meio da educação, começando a ser pensada e discutida há pouco tempo.

Verificou-se assim, a importância da organização do espaço físico contemplando as necessidades das crianças, principalmente quanto ao ambiente lúdico, favorecendo uma aprendizagem ativa, em relação ao desenvolvimento da autonomia